

“A

G. M.

*Envio-lhe outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro. Deste, a senhora pode sem escrúpulo permitir a leitura à sua neta.*

*É natural que deseje conhecer a origem deste livro; previno pois sua pergunta.*

*Foi em março de 1856. Havia dois meses que eu tinha perdido a minha Lúcia; ela enchera tanto a vida para mim, que partindo-se deixou-me isolado neste mundo indiferente. Senti a necessidade de dar ao calor da família uma nova têmpera à minha alma usada pela dor.*

*Parti para o Recife. A bordo encontrei o doutor Amaral, que vira algumas vezes nas melhores salas da corte. Formado em medicina, havia um ano apenas, com uma vocação decidida e um talento superior para essa nobre ciência, ele ia a Paris fazer na capital da Europa, que é também o primeiro hospital do mundo, o estádio quase obrigatório dos jovens médicos brasileiros.*

*Amaral, moço de vinte e três anos, era uma natureza crioula de sangue europeu, plácida e serena, mas não fria; porque sentia-se em torno dela o doce e calmo calor das paixões em repouso. Minha alma magoada devia pois achar, nesse contato brando e suave, a delícia do corpo alquebrado, recostando-se em leito macio e fresco.*

*Quanto a mim, Lúcia desenvolvera com tanto vigor em meu coração as potências do amor, que cercava-me uma como atmosfera amante, evaporação do sentimento que exuberava. Havia em meu coração tal riqueza de afeto que chegava para distribuir a tudo quanto eu via, e sobejava-me ainda.*

*Essa virtude amante, que eu tinha em toda a minha pessoa, exerceu sobre meu companheiro de viagem influência igual à que produzira em mim sua grande serenidade. Ele fora um repouso para minha alma; eu fui um estímulo para a sua.*

*Sucedeu o que era natural. Desde a primeira noite passada a bordo, fomos amigos. Essa amizade nascera na véspera, mas já era velha no dia seguinte. As confidências a impregnaram logo de um aroma de nossa mútua infância.*

*Separamo-nos em Pernambuco, apesar das instâncias de Amaral para que eu o acompanhasse à Europa. Durante dois anos nos cartamos com uma pontualidade e abundância de coração dignas de namorados. Em sua volta, estive comigo no Recife; escrevi-lhe ainda para o Rio; mas pouco tempo depois minhas cartas ficaram sem resposta, e nossa correspondência foi interrompida.*

*Decorreram meses.*

*Um belo dia recebi pelo seguro uma carta de Amaral; envolvia um volumoso manuscrito, e dizia:*

*Adivinho que estás muito queixoso de mim, e não tens razão.*

*Há tempos me escreveste, pedindo-me notícias de minha vida íntima:*

*desde então comecei a resposta, que só agora concluí: é a minha história numa carta.*

*Foste meu confidente, Paulo, sem o saberes; a só lembrança da tua amizade bastou muitas vezes para consolar-me, quando eu derramava neste papel, como se fora o invólucro de teu coração, todo o pranto de minha alma.*

*O manuscrito é o que lhe envio agora, um retrato ao natural, a que a senhora dará, como ao outro, a graciosa moldura.*

*P.”*



## Capítulo 1

Emília tinha quatorze anos quando a vi pela primeira vez.

Era uma menina muito feia, mas da fealdade núbil que promete a donzela esplendores de beleza.

Há meninas que se fazem mulheres como as rosas: passam de botão a flor: desabroçam. Outras saem das faixas como os colibris da gema: enquanto não emplumam são monstros; depois tornam-se maravilhas ou primores.

Era Emília um colibri implume; por conseguinte um monstro.

Seu crescimento fora muito rápido; tinha já altura de mulher em talhe de criança. Daí uma excessiva magreza: quanta seiva acumulava aquele organismo era consumida no desenvolvimento precoce da estatura.

Ninguém caracterizava com mais propriedade esse defeito de Emília do que a menina Júlia, sua prima. Quando as duas se agastavam, o que era frequente, Júlia a chamava de esguicho de gente.

Não parava aí a fealdade da pobre Emília. A óssea estrutura do talhe tinha nas espáduas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências, que davam ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjuntada amiúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxila de uma orelha à outra. O nariz romano seria bonito em outro semblante mais regular. Os olhos negros e desmedidamente grandes afundavam na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas órbitas.

A respeito do traje, que é segunda epiderma da mulher e pétalas dessa flor animada, o da menina correspondia a seu físico.

Compunha-se ele de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço; e de umas calças largas, que arrastavam, escondendo quase toda a botina.

Emília ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo trejeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo no talho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas.

Caminhando, dobrava as curvas a fim de tornar comprida a saia curta; sentada, metia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre a dançar-lhe, como antolhos pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da família, não lhe voltava as costas como fazia com os estranhos; mas sentia logo uma necessidade invencível de coçar a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos ombros. Eram modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo, escondendo assim o que lhe restava de fisionomia.

Muitas vezes o senhor Duarte zombava com terna ironia desses biocos da filha:

– Deixa estar, Mila!... – dizia ele abraçando-a. – Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emília aos quatorze anos.

## DIVA

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da beleza conhecera que havia nessa menina feia e desengraçada o arcabouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava: só carecia da encarnação.

Ainda me lembro da cólera infantil de Emília, quando, a primeira vez que estive com ela, eu a perseguia de longe chamando-a:

– Minha noiva!

– Feio!... – dizia-me então.

E pronunciava essa palavra como se ela simbolizasse a maior injúria possível.



## Capítulo 2

Começara o verão de 1855.

Uma manhã apareceu Geraldo em minha casa. Entrou, conforme o seu costume, estrepitosamente, e cantarolando não sei que ária do seu repertório italiano.

– Vai ver minha irmã! – disse passando por mim e sumindo-se pelo interior da casa.

Voltou logo com o charuto aceso:

– Tua irmã? – perguntei sem compreendê-lo.

– Sim, Mila, que amanheceu com uma febre danada.

– Ah! É como médico que me pedes para ir ver tua irmã?

– Pois então!... Vamos; veste-te; o carro está na porta à espera.

– Mas, Geraldo... Foi tua família que mandou chamar-me?

– Foi meu pai.

– A mim, designadamente?

– E esta!... Mandou-me chamar um médico; tu és um... logo!

– Quem sabe! Talvez não lhe inspire confiança.

– Ora Deus!... Ele não entende disso!

Ao entrar no carro, Geraldo despediu-se:

## DIVA

– Não vens?

– Para quê? Não faço falta lá. Até logo!

Geraldo pertencia à classe dos homens a quem lateja a moleira toda a vida, e velhos já, são ainda meninos de cabelos brancos. Não te admire, portanto, a leviandade desse moço.

Cheguei à chácara do senhor Duarte à uma hora da tarde.

A família estava na maior aflição. A menina ardia em febre desde a véspera, queixando-se de fortes pontadas sobre o coração.

Todos os sintomas pareciam indicar uma afecção pulmonar.

No aposento reinava uma frouxa claridade que mal deixava distinguir os objetos. Emília prostrada no leito, sob as coberturas de lã, parecia inteiramente sopitada no letargo da febre. Sua tia dona Leocádia, que fazia-lhe agora as vezes de mãe, estava sentada à cabeceira.

– Minha senhora – disse eu –, é necessário auscultar-lhe o peito.

– Então, senhor doutor, aproveite enquanto ela dorme. Se acordar, nada a fará consentir.

A senhora afastou a ponta da cobertura, deixando o seio da menina envolto com as roupagens de linho. Mal encostei o ouvido ao seu corpo, teve ela um forte sobressalto, e eu não pude erguer a cabeça tão depressa, que não sentisse no meu rosto a doce pressão de seu colo ofegante.

O que passou depois foi rápido como o pensamento.

Ouvi um grito. Senti nos ombros choque tão brusco e violento, que me repeliu da borda do leito. Sobre este, sentada, de busto erguido, hirta e horrivelmente pálida, surgira Emília. Os olhos esbraseados cintilavam na sombra: conchegando ao seio com uma das mãos crispadas as longas coberturas, com a outra estendida sob as amplas dobras dessa espécie de túnica, ela apontava para a porta.

– Atrevido!... – clamou o lábio erriçado de cólera e indignação. Fiquei atônito. Dona Leocádia pediu-me que saísse um momento.

Ao retirar-me, o olhar da menina, repassado de um ódio profundo, acompanhou-me até que desapareci na porta.

Com pouco o senhor Duarte veio à sala.

– Peço-lhe mil desculpas, senhor doutor, pelo que acaba de acontecer. Mila teve uma educação muito severa... Minha falecida mulher era nesse ponto de um rigor excessivo; muitas vezes fiz-lhe ver o inconveniente disso... Mas, senhor doutor, V.Sa. bem sabe quanto as mães são zelosas de sua autoridade.

– Não se aflija, senhor Duarte. Eu compreendi logo a razão do que se passou. Sua filha não estava prevenida... acordou sobressaltada...

– É verdade!

– Demais, eu sou para ela quase um estranho. Havia, portanto, motivos de sobra para o seu vexame. O recato é tão bela virtude em uma menina!

– Mas em minha filha é em tal excesso, que já parece vício.

– Mudará com a idade. Agora convém que V.Sa. a convença da necessidade de consentir...

– Tanto que lhe pedi já e roguei! Não quer ouvir falar de semelhante coisa.

– É dos casos em que um pai deve interpor a sua autoridade.

– Oh! sinto que não teria ânimo! Nunca até hoje ralhei com minha filha. Como o faria agora que a vejo tão doente?

– Não será talvez necessário recorrer a esse extremo. Por meios brandos!...

Duarte voltou ao quarto da filha.

Esse homem, que representa na família um papel importante pela sua nulidade, é negociante; trabalhou toda a vida para enriquecer; depois de rico só vive para ser milionário.

Essa febre nele não é ambição, mas destino. Quer a riqueza para seus filhos, parentes e amigos; para ele conserva a antiga mediocridade. Nunca até hoje o senhor Duarte admitiu a menor alteração em seu sistema de vida, e nos hábitos do homem pobre e laborioso, que fora.

A riqueza não o fez melhor nem pior; mudou de fortuna, não mudou de caráter, nem de sentimentos. O luxo, que desde muito tempo batia à porta de sua velha habitação, devia penetrá-la enfim, um belo dia, sem que ele tivesse consciência disso. Quase se pode afirmar que o não percebeu.



Para ele essa grande revolução doméstica não passava de uma questão de pagamento, e, portanto, da competência do seu caixa.

Em resumo, tem Duarte uma dessas naturezas essencialmente mercantis, que nascem predestinadas para o negócio, e só respiram livremente na atmosfera do armazém. De resto, uma boa alma, metódica e fria, como deve ser uma alma aclimatada ao balcão desde a infância, e educada exclusivamente para o juro e a conta-corrente.

Nessa alma, como nos canteiros regulares de um jardim, não brota a urze das paixões, mas vem bem e com simetria a flor cultivada dos afetos calmos. Duarte ama sua família e estima seus amigos com sinceridade, mas passivamente, sem iniciativa. Capaz de qualquer sacrifício que exijam dele, nunca teve a espontaneidade do mais insignificante favor. Não oferece, mas também não recusa seu dinheiro, como sua amizade.

O negociante voltou acabrunhado:

- Ela recusa! – murmurou.
- Deste modo não sei o que faça. Entretanto a moléstia é grave.
- Por que não receita já?
- Não posso indicar um tratamento sem conhecer a moléstia.
- Pois, senhor doutor, eu também não posso usar de rigor com Mila, porque sei que isso seria matá-la mais depressa.

Duarte deixou-se cair sobre uma cadeira, e sucumbiu à dor: as lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

– O que me parece mais acertado é chamar V.Sa. um médico de sua confiança, habituado a tratar na família.

– Já não existe! – exclamou com um soluço. – Qualquer outro que venha me responderá o mesmo que o senhor! Meu Deus! Condenado a ver morrer minha filha, sem poder salvá-la.

– Bem, senhor Duarte. Eu tratarei de sua filha.

A moléstia era realmente grave; nada menos do que uma pneumonia dupla. Tive de lutar contra a enfermidade rebelde e a tenacidade inflexível de um carácter singular de menina, habituada a ver satisfeitas todas as suas vontades, como ordens imperiosas.

Emília tomara-me tal rancor, que não me deixou mais penetrar em seu aposento. Se adormecia, e eu advertido por Julinha ou por dona Leocádia me chegava ao leito, mal lhe tocava o pulso, ela acordava com sobressaltos, volvendo os olhos inquietos pelo aposento.

Ocultava-me então do lado da cabeceira, entre a parede e o cortinado, e daí esgueirava-me pela porta. Uma ocasião um olhar de Julinha traiu-nos; ela surpreendeu-me e gritou cobrindo o rosto:

– Deitem fora este homem! – Dona Leocádia e o irmão se afligiam muito com os caprichos de Emília; mas não tinham nem a força nem a vontade de contrariá-la, embora temessem a cada instante que a minha suscetibilidade se ofendesse com aqueles modos ríspidos.

Mas o meu orgulho de médico principiante estava empenhado nessa cura. Era ela que devia me dar a consciência da minha força ou talvez o desgano de uma carreira. Foi ela que decidiu do meu futuro.

Nunca, até então, eu assumira a tremenda responsabilidade da conservação de uma vida, que um erro meu, um instante de hesitação, podiam sacrificar. E não era uma vida indiferente... Essa menina caprichosa, calma e impassível à dor, velando-se como as virgens mártires do cristianismo para morrer pudicamente... Essa menina inspirava-me não sei que estranho e vivo interesse.

Eu sentia, combatendo sua enfermidade, o que devem sentir os grandes artistas tratando um assunto difícil; raiva e desespero, quando a consciência da minha fraqueza contra as leis da natureza me acabrunhava; júbilos imensos, quando meu espírito, tirando forças da ciência e da vontade, arcava com a moléstia e a subjugava por instantes.

Uma vez perdi a esperança.

Dona Leocádia dormitava extenuada à cabeceira do leito. Emília não dava mais acordo de si. Aproximei-me; a máscara da morte cobria já aquele rosto diáfano. Sentei-me à borda do leito, e não pude reter as lágrimas que me saltaram em bagas dos olhos.

Santa virgindade das emoções, primeiros orvalhos do coração, que a aridez do mundo tão depressa estanca! A quantos espetáculos pungentes

não tenho eu assistido depois com os olhos enxutos e o espírito sereno!  
Dona Leocádia abriu os olhos:

– Não há mais esperança, doutor?

Enxuguei as lágrimas envergonhado, e achei em mim uma energia nova. Lancei mão dos últimos recursos. Um mês arqueei com a dissolução que invadia esse corpo frágil, disputando às garras da morte os sobejos de vida, que lhe faltava devorar. Tinha, a pedido do senhor Duarte, ficado em sua casa; e a isso, a esse cuidado incessante de todas as horas e de todos os momentos, devo o resultado que obtive.

Venci afinal. Mal sabia eu da influência que devia ter no meu destino essa existência, cujos frouxos clarões, prestes a se apagarem, eu reanimara com os lumes de minha alma.

Emília entrou em convalescença. A gratidão do pai foi sincera; sua recompensa generosa. Aceitei a primeira e recusei a última.

– Por quê? – me perguntarias talvez.

Era como te disse o meu primeiro triunfo em medicina; trabalhei para ele como o sacerdote de minha nova religião. Por um desses movimentos misteriosos do coração que não se explicam, quis sagrá-lo unicamente à ciência, extreme e puro de todo o interesse pecuniário.

Tal foi o motivo de minha recusa, e não mal-entendido pudor de receber a justa remuneração de tão nobre serviço.

Escrevi ao senhor Duarte pouco mais ou menos o seguinte:

“Foi Deus quem salvou dona Emília; a ele devemos agradecer, o senhor a vida de sua filha, eu minha felicidade.

“Meu primeiro doente foi para mim como um primeiro filho. As emoções que senti lutando com a moléstia, as angústias por que passei nas suas recrudescências, o desespero de minha fraqueza nesses momentos, um pai os deve compreender.

“Essas emoções só podiam ter uma recompensa. Já a recebi do meu coração. Foi a pura e santa alegria de restituir a vida querida, que me fora confiada. Substituí-la por outra, não seria generoso de sua parte, senhor Duarte.” O negociante ainda me procurou, e insistiu, mas inutilmente.

Afinal lhe disse: